

Ethos do Pioneiro

JOSÉ MARIA TAVARES DE ANDRADE

Doutor em Sociologia

"... les premières récoltes, toujours fabuleuses dans cette terra roxa, terre violette et vierge, sortaient entre les troncs des grands arbres gisants et les souches. Les pluies d'hiver se chargeaient de les décomposer en humus fertile que, presque aussitôt, elles entraînaient le long des pentes, en même temps que celui qui

nourrissait la forêt disparue et dont les racines manqueraient pour le retenir. Attendrait-on 10 ans, 20 ou 30, avant que cette terre de Chanaan prenne l'aspect d'un paysage aride et dévasté?

(Claude LEVI-STRAUSS, *Tristes Tropiques* Ed. UGE, Paris, 1955 p.100)

RESUMO

Ethos do Pioneiro é uma pesquisa em curso sobre a cultura local e regional. Seguindo as quatro partes (dezesete capítulos) do relatório o autor avança os seguintes resultados: 1) Reconstituição do que é pioneiro do ponto de vista da sociedade local. 2) A sistematização de relações interpessoais entre os considerados pioneiros, nas fontes disponíveis, permite identificar um processo de diferenciação (por idade, sexo e classe) social no qual se inscreve o ethos do pioneiro. 3) O discurso publicitário da companhia de coloniza-

ção que empresariou a ocupação da região é analisado de modo a revelar diferentes valores culturais, à maneira de um mapa simbólico do tesouro, que orientou o processo civilizatório, freqüentemente visto como um modelo. 4) Finalmente a pesquisa levanta algumas fontes de estudo que possam suscitar diferentes pesquisas sobre a região norte-paranaense.

ABSTRACT

A current research on the local and regional culture is given in *ETHOS DO PIONEIRO* (Northern Paraná Frontier's Ethos). The definition of the pioneer from the local society point of view is been found. A systematization of person to person social interaction between the so-called

"pioneers" to identify a process of social differentiation, in which the "pioneer" ethos was enrolled - by age, sex, and class - is made possible. The advertising media for the colonization company that undertook the settlement of the region was synthesized, analysed, and compared. Some sources of information on the Northern Parana region are pointed out.

SUMÁRIO: 0 – INTRODUÇÃO. – 1 – O QUE É PIONEIRO. – 2 – SOCIEDADE DE PIONEIROS. – 3 – LONDRINA E O PROJETO DA CTNP. – 4 – AS FONTES DE ESTUDO DA REALIDADE LOCAL E REGIONAL. – BIBLIOGRAFIA.

0 – INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende apresentar de maneira sucinta os resultados de uma pesquisa em andamento, tratando-se portanto de resultados provisórios. Seguiremos aqui nosso roteiro que norteia a preparação do relatório de trabalho.

O termo *ethos*, do grego, designa, do ponto de vista etimológico, entre outras denotações "costume", "caráter". Nas ciências sociais (1) o termo está relacionado à questão da hierarquia de valores culturais ou visão de mundo, podendo-se, a partir da Sociologia da Cultura e da Antropologia, justificar o título da pesquisa - *Ethos do Pioneiro* - como um estudo da constelação de valores culturais locais ou regionais que envolve não apenas a figura do pioneiro como protagonista da civilização ocidental no Norte do Paraná, como também eventuais matrizes culturais que possam caracterizar traços específicos da cultura local e/ou regional. Tentaremos privilegiar o aspectos cognitivo das idéias, crenças e atitudes normativas e afetivas que poderão se reinvestir socialmente em termos da ideologia de seguimentos hegemônicos da sociedade.

A iniciativa de emprendermos o presente estudo visa assumirmos a realidade regional como campo de investigação, de responsabilidade da Universidade. Por outro lado as freqüentes referências feitas pelos próprios alunos aos pioneiros incentivaram-nos nesta eleição do tema. A partir de 1974 começamos a dar atenção às referências e definições do que seja pioneiro, como esta fornecida por uma aluna, filha de pioneiro: "A classe alta é constituída dos que aqui chegaram e, corajosamente, desbravaram a terra, cultivaram-na e se estabeleceram, ficando num nível superior aos que provieram". Ainda como definição de pioneiro afirmava uma outra aluna: "A

sua maior parte é constituída dos fazendeiros que acompanharam o desenvolvimento da cidade e sua colonização".

1 – O QUE É PIONEIRO

Num primeiro enfoque privilegiaremos a verbalização de valores associados ao tema pioneiro na cultura local, parecendo-nos tão importante estudar certos elementos de formação da sociedade, como a maneira pela qual estes mesmos elementos são vistos pelos atores sociais. Nesta reconstituição do passado efetuada por diferentes atores sociais não nos é possível trabalhar com amostras representativas da totalidade da população, nem mesmo de uma categoria social definida. O estudo exploratório utiliza, nos limites de tempo e de recursos de que dispomos* os dados disponíveis, de modo a propormos um tipo de leitura que não poderá ser generalizado, servindo antes de tudo como perspectiva de tratamento qualitativo de dados.

Dada a ambigüidade do termo pioneiro na linguagem corrente, susceptível de investimentos e conotações bem diversas, partimos (Cap. I) de uma análise das ocorrências do termo em quatro fontes, de modo a podermos deduzir diferentes categorias semânticas indicadoras das conotações dadas nos contextos destas ocorrências, que representam assim um ponto de partida. Do ponto de vista metodológico, contamos com a vantagem de podermos atingir o aspecto de investimento de significação fornecido espontaneamente pelos textos, sem que os seus informantes fossem interrogados diretamente sobre a questão, o que comprometeria facilmente os dados. As quatro fontes foram: a) 55 depoimentos de pessoas consideradas pioneiras - chegadas a Londrina até 1935 - pelo Arquivo Histórico da FUEL. Observamos a respeito desta primeira fonte

que as referências à palavra pioneiro foram apenas 5 num total de 218 páginas. Ou seja, os próprios pioneiros parecem evitar a utilização da palavra chave - pioneiro - quando falam a respeito deles mesmos, como se estivessem evitando um auto-elogio. b) O texto *Brasilguay* da Dra. Yoshia Nakagawara, um pequeno artigo, de apenas 9 páginas, forneceu-nos 11 ocorrências da palavra pioneiro, revelando sobretudo uma visão crítica e dinâmica da frente pioneira, que, passando pelo espaço norte-paranaense, subsiste além das fronteiras nacionais. c) O *Jornal Panorama* nas 114 páginas de seus três números especiais (Números Zero: Aventura, Economia e Cidade) forneceu-nos 18 ocorrências numa preocupação muito mais regional que apenas sobre a experiência histórica da cidade de Londrina. d) E finalmente a coleção completa do *Novo Jornal* que conta com nada menos que 1.400 páginas, nas quais destacamos 10 ocorrências do termo pioneiro, referindo-se sobretudo a uma época passada de pessoas de Londrina ou da própria cidade.

Na impossibilidade de fornecermos uma visão de síntese, sobre os conteúdos diversos que foram atribuídos pelos textos ao termo pioneiro, citaremos na ordem decrescente de importância as categorias utilizadas para a leitura dos valores que aparecem associados à figura do pioneiro**. Este aparece primeiro como o portador de um novo modelo (7 vezes) de ocupação, mesmo que pessoalmente seja considerado, de um outro ponto de vista, como vítima do capital (7 v.). O desbravador (5 v.) que vai na frente, preparando a fixação dos que o seguem, aventura-se a fazer por primeiro alguma coisa, é considerado o verdadeiro pioneiro (4 v.). Ele pode ainda ser identificado pelo seu ímpeto ou espírito aventureiro (4 v.), transplantando-se de novas em novas terras (4 v.). Responsável pelo povoamento (3 v.) en-

quanto fundadores (3 v.), pois faziam as primeiras construções (3 v.) e primeiras plantações (2 v.). Na dureza deste trabalho (2 v.) sendo ou não proprietários (2 v.) e acompanhado às vezes de mulheres pioneiras (2 v.) eles encontravam na improvisação (2 v.) uma maneira de continuar. Expulsos (2 v.) por condições adversas, em que viviam antes, os pioneiros, alguns deles trabalhando como corretores da CTNP (1 v.), trouxeram pelo menos heranças espirituais (sentimentos religiosos) (1 v.), para a terra pioneira (1 v.) aí viveram a febre (1 v.) e depois, já velhos pioneiros (1 v.) conservaram (conservadores (1 v.) também os valores aqui cultivados como forma de vida.

Em um outro estudo — como os pioneiros se definem (Cap. II)—levamos em consideração o ponto de vista dos próprios pioneiros que mesmo não se definindo como tais deixam transparecer ao longo de seus depoimentos ao Arquivo Histórico vários elementos a partir dos quais eles, de uma maneira ou de outra, confirmam que mereceram tal atribuição, porque: a) Eles viram a cidade nascer. Não obstante a heterogeneidade destes depoimentos é freqüente uma reconstituição quase fotográfica da Londrina nascente. b) Ano de chegada. Nisto existe um certo consenso que foi assumido pelo Arquivo Histórico, chegando-se até o ano de 1935, pode-se considerar pioneiro. c) Além do ano de chegada a Londrina os pioneiros referem-se ao que eles fizeram por primeiro — construíram ou fundaram as primeiras residências, casas comerciais, empresas diversas. Existe uma verdadeira acorrida para as primeiras quaisquer coisas feitas na cidade, como confirmação de seu título prestigioso. Encontramos na confrontação dos depoimentos duas primeiras casas de madeira, como também dois primeiros barbeiros da localidade.

Recolhemos ainda vários outros elementos de definição da figura do pioneiro (Cap. III)*** que nos possibilitam uma visão comparativa entre o ponto de vista anterior e este ponto de vista externo e crítico de informantes privilegiados. Neste capítulo três aspectos básicos podem ser destacados: a) O pioneiro deve ser definido antes de mais nada como um herói anônimo, sendo este identificado com os que nunca deram nomes às praças e ruas, ou seja, os picadeiros, os peões ou “baianos” desbravadores. b) Os que chegaram primeiro. Este acordo, do ponto de vista cronológico, enquanto critério definidor de pioneiro, a que nos referimos acima, equivale também a uma delimitação de uma época pioneira.

nos limites da qual chegaram os heróis. Não deixa de ser um indicador importante para os interessados na delimitação de fases da história local, isto que nos ajuda a identificar valores culturais definidores da figura do pioneiro, pois demonstra uma caracterização cultural — coletiva e espontânea. c) Empresa, grupo ou povo pioneiro. A cidade está aí como testemunha do trabalho pioneiro, é ela afinal de contas quem justifica um novo empreendimento, a colheita dos méritos. É sua grandeza prematura que garante o prestígio fornecido para quem a plantou. Londrina formada nos anos 30, rica na década de 43/53, encontra sua vocação de pólo regional e a partir da consciência de sua hegemonia se dá ao luxo de reconstituir seu passado, pelo menos a partir das comemorações de seu jubileu de prata como município — 1959.

A partir das informações disponíveis torna-se mais claro o caráter polêmico desta tarefa de divisão social dos méritos. Estes movimentos que poderão ser chamados de colheita de méritos suscitam nas camadas mais ou menos privilegiadas a questão fundamental: trata-se de uma empresa (CTNP), de um grupo (“os pioneiros”) ou de um povo pioneiro? Entre quantos nomes dividir-se o mérito? A quantos atribuir o título de pioneiro?

2 — SOCIEDADE DE PIONEIROS

Uma constante nos depoimentos dos considerados pioneiros é a referência a nomes de pessoas que viveram a fase heróica de implantação da agricultura e das localidades com o trabalho da derrubada. À guisa de sociograma (Cap. V) nos é possível sistematizar relações interpessoais a partir dos nomes citados nestes textos (2). Como as ocorrências da palavra pioneiro nestes depoimentos são raras, pois estes indivíduos não se definem explicitamente como pioneiros, então estabelece-se um mecanismo de eleição mútua, de modo que cada um, mesmo não se intitulado pioneiro, garante seu reconhecimento pelos outros que são por ele já eleitos, — como também seus eleitores — implícita ou explicitamente como tais. Este mecanismo de troca de prestígios e de eleição mútua funciona em termos de dom e contra-dom, como diria M. Mauss (3).

Ainda nesta segunda parte a nossa preocupação de assentamento sociológico do fenômeno tipicamente cultural — ethos — preocupa-nos o fato dos considerados pioneiros serem unicamente

homens. A sociedade de pioneiros constitui-se numa sociedade masculina (Cap. VI), o que não se reproduz facilmente na sociedade global.

A sociedade de pioneiros parece ser de responsabilidade masculina, pelo seu caráter de aventura (onde o cotidiano doméstico não é considerado), de resposta a um desafio de trabalho nas matas, quão bandeirantes. Isto é tão marcante que chega a ofuscar a figura feminina, em todo esse processo de implantação, seja ela dona de casa ou prostituta.

Em 1937, por exemplo, a partir de quando dispomos de estimativas estatísticas sobre a população, existia na zona urbana de Londrina, aproximadamente 60 por cento de pessoas do sexo masculino, entre os de mais de 15 anos. Acreditamos que em anos anteriores tenha sido ainda maior a desproporção entre homens e mulheres. Aqueles vinham primeiro para depois fazerem vir as esposas ou familiares. Estudando algumas informações a este respeito chegamos a resultados semelhantes quanto aos que vieram até o ano de 1935.

Chamou-nos atenção a quase ausência de referências à prostituição nas entrevistas e depoimentos referentes ao passado local. A extraordinária importância que teve a prostituição em Londrina, a partir dos anos áureos do café, talvez encontre uma explicação justamente nesta predominância de homens que se revela na sociedade de pioneiros.

A sondagem dos valores culturais que possam caracterizar a sociedade primordial (Cap. VIII) pretende descrever uma convivência — entre os de “tipo gregário” (4) — solidária de indivíduos de origens sociais e culturais tão diversas. A própria experiência de luta contra a natureza parece ter permitido uma primeira experiência social sem aparentes diferenciações ou estratificações. Dada a origem planejada da localidade não houve uma sociedade caipira nos primeiros tempos. A febre comum de riquezas e os interesses individuais, parecem ter ditado o retardamento da variável poder político numa sociedade que se constituía em sua heterogeneidade e sob a égide de uma empresa particular de colonização, exigindo relações sociais bem específicas. A hegemonia da cidade, sobre localidades já existentes na região, ou fundadas na mesma época, só alguns anos depois de ser paróquia, município e comarca, é que possibilitou sua avaliação e sua identidade. Finalmente interessamos investigar as atividades lúdicas na sociedade primordial como fator marcante de busca de identificação de camadas

ou categorias sociais e conseqüentemente de diferenciação social no seio da qual se inscreve o ethos do pioneiro.

3. LONDRINA E O PROJETO DA COMPANHIA DE TERRAS NORTE DO PARANÁ

“Surgiu então o projeto que obteve tanto sucesso: pequenas propriedades para todos os que trabalhassem e estradas de acesso às pequenas fazendas. De quinze em quinze quilômetros pequenos núcleos para ajudar os pioneiros. Venda a longo prazo. E após uma imensa propaganda em que foram salientadas a excelente qualidade das terras e da fecundidade, deslocaram-se multidões de pioneiros. E realmente os novos povoadores não ficaram decepcionados. Ali estava a nova “Terra da Promissão” o “El Dorado” dos que trabalhavam...”

(A terra mais fértil que o Brasil possui, in Diários Associados – edição especial dedicada ao Café – 15 de junho de 1954 - Caderno 7 p. 6).

O discurso publicitário da CTNP pareceu-nos um lugar privilegiado para estudarmos, ao nível simbólico, os valores divulgados a respeito das terras do Norte concedidas pelo Governo paranaense para a colonização.

A reconstrução da mensagem publicitária, responsável em grande parte pelo deslocamento das “multidões de pioneiros” que vieram povoar a região, – passando em seguida a ocuparem terras do Mato Grosso, Paraguai... – equivale a uma recomposição do mapa do tesouro (Cap. IX). Neste mapa simbólico, diferentes valores foram identificados, o que passaremos a enumerar. a) A qualidade da terra do Norte do Paraná era a grande atração. Claro que não foram os ingleses da Missão Montagu (1924), nem a “Sudan Plantations” quem primeiro descobriu esta terra. Antônio Barbosa Ferraz Júnior, por exemplo, desenhara (1910) as primeiras linhas deste mapa (5) que fora completado e explorado posteriormente pela CTNP. Esta emprestava a ocupação, enviando corretores e anúncios publicitários para diversos Estados brasileiros e para outros países. b) Neste discurso o tipo de clima anunciado garantia a adaptação de famílias provenientes de diferentes paragens. c) Existia água boa e abundante em cada

lote a ser vendido. d) Como a carta de Vaz de Caminha dizia-se em outros termos que “em se plantando tudo dá”: Café, cereais, algodão, fumo, açúcar, leguminosos, mandioca, trigo, frutas, além da exploração das madeiras das matas a serem transformadas também em pastagens para gado. e) Não se tratava mais de sertões longínquos, desertos de homens, perigosos, empoeirados ou lamacentos em seus caminhos pois a interdiária das terras (antes devolutas) do povo e para o povo já havia aberto ótimas estradas em todos os lotes, tendo-se acesso fácil aos grandes centros consumidores, por via férrea. f) As condições de pagamento eram inéditas. Era uma oportunidade para “todos” pois os lotes de 5 a 20 alqueires eram vendidos à prestação. g) A segurança da posse era simplesmente garantida por um decreto governamental, permitindo-se a transformação da luta pela terra (grilagem, litígios, intrusão) em luta pelo progresso rápido e contra a natureza. h) Os endereços e os agentes eram inúmeros. i) As vantagens em termos de investimentos eram fabulosas, marcando uma inovação na própria estrutura fundiária do país.

A publicação comemorativa do Cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná – Colonização e Desenvolvimento do Norte do Paraná, tem como subtítulo: “Depoimentos sobre a maior obra no gênero realizada por uma empresa privada”.

O fato de uma empresa privada encontrar-se na origem de tantas cidades não deixa de ser uma variável excepcional e de várias conseqüências. Ocorreu ao longo desta pesquisa em andamento algumas hipóteses de trabalho que venham a esclarecer o papel da empresa colonizadora na formação de padrões culturais (Cap. X). Talvez estes padrões ainda estejam em formação, talvez meio século de história ainda seja pouco para uma tomada de consciência crítica de um processo tão dinâmico e amplo, quem sabe esta própria dinâmica favoreça apenas um olhar comemorativo de forjamento de uma explicação mitológica pela geração dos protagonistas da história local; pode ser que o próprio caldeamento populacional e as ondas migratórias não nos permitam senão algumas perspectivas de trabalho.

Uma primeira influência parece-nos clara na medida em que este discurso publicitário da CTNP conduziu, como um Moisés, a “multidão de pionei-

ros” para a terra prometida, e por este mesmo convencimento se pôde suplantá-la, por uma crença no progresso rápido e fácil, as desvantagens iniciais, os riscos, as inseguranças e por porque não uma certa aculturação de cada um dos constitutivos culturais aqui combinados de maneira nova e em condições inéditas. É a revisão de aspectos negativos aqui vividos (epidemias, violências, catástrofes, acidentes pessoais, falta de infra-estrutura...). Por um processo inconsciente seleciona-se aspectos do passado, por uma atitude ideológica privilegia-se fatos no forjamento de uma tradição ao nível de classes sociais e numa atitude lúdica e comemorativa folcloriza-se experiências trágicas e anedotiza-se fatos significativos da história local.

Não obstante a amplitude do empreendimento estamos suscitando uma tarefa conjunta de avaliação do modelo civilisatório. Não se trata apenas de contestar ou não a existência ou a validade de um modelo apenas iniciado pelo CTNP no processo civilizatório do Norte do Paraná (Cap. XI). Outras empresas continuaram a abrir grandes loteamentos e muitos indivíduos passando por Londrina tentam reproduzir o sonho de riquezas rápidas e fáceis em novas frentes pioneiras. Uma tradição de improvisação, de pragmatismo, de exploração (sic) da natureza e de homens, de mercantilismo, de aventura, entre outros aspectos, parece ser uma tentação nas zonas pioneiras.

O modelo que implanta cidades nos espigões e que divide os lotes entre os traçados – das “cristas à maneira das vias romanas na Gália” (6) – de estradas e os vértices dos vales, começa a ser visto em suas desvantagens para os serviços de saneamento, esgoto e água e para o planejamento racional da agricultura.

Nesta tarefa de investigação dos grandes problemas regionais a Universidade não pode se furtar. Isto havia sido previsto no planejamento da FUEL como lembra o Prof. Monsueto Buzzi referindo-se aos trabalhos da subcomissão da Universidade de Londrina na Região Geo-Educacional 33, advertindo que “o norte paranaense já foi uma verdadeira floresta amazônica. Hoje, passados apenas 40 anos, já se transformou numa área cada vez mais seca. A queda pluviométrica está baixando. As secas são cada vez mais prolongadas e inclementes...” Precisamos, de início, organizar a Universidade da Terra, e não apenas uma “Universidade do Café”, ou alguma Uni-

versidade algo abstrata, marginalizada, voltada sobre si mesma, simples continuação dos erros da Universidade brasileira até hoje..." (7).

4 - AS FONTES DE ESTUDO DA REALIDADE LOCAL E REGIONAL

Incluimos em nosso projeto de pesquisa a tarefa de levantamento de fontes de estudo da realidade local e regional não apenas do ponto de vista da Sociologia ou Antropologia.

Entre as fontes utilizadas destacamos o Arquivo Histórico da FUEL (Cap. XIII) sobre o qual relataremos em nosso relatório de pesquisa os dados disponíveis - se bem que se trate de um arquivo de custódio - que utilizamos e que outros pesquisadores poderão utilizar com proveito.

Foram sobretudo os depoimentos dos pioneiros (Cap. XIV) recolhidos pelo Arquivo Histórico que mais nos serviram até o momento.

A partir dos diferentes textos sobre a origem, formação e desenvolvimento da cidade, tentaremos analisar os acontecimentos que foram considerados pelos autores e demais informantes como sendo datas importantes, "históricas" por assim dizer, nesta projeção de uma historiografia espontânea (Cap. XVI), construída coletivamente.

Finalmente pretendemos apresentar no relatório final ao menos um resumo das entrevistas (Cap. XVII) de modo que o leitor interessado possa facilmente fazer uso do material colhido por nós.

Com relação a bibliografia que inclui livros, artigos de revistas e de jornal, textos inéditos, trabalhos de tese... o nosso levantamento apenas iniciado pretende ser o mais exaustivo possível. Para isso contamos com a colaboração dos interessados que terão a Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas da FUEL como ponto de referência para o intercâmbio de informações. As referências bibliográficas até agora levantadas, em torno de 150, foram colhidas em bibliotecas particulares (entre as quais a da Profa. Yoshia Nakagawara), no Centro de Documentação do IAPAR, no Arquivo Histórico e nas Bibliotecas Setoriais e Biblioteca Central da FUEL. Com isto novas pesquisas e trabalhos serão mais facilmente suscitados de modo a podermos aos poucos assumirmos a tarefa de maior compreensão da cidade e região.

BIBLIOGRAFIA

BUZZI, M. - "Presença da Universidade de Londrina". *Universidade*, (4), out. 1969.

CMNP - *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*. 2.ed. São Paulo, Ed. Ave Maria, 1977.

DIÁRIOS ASSOCIADOS - *Edição especial dedicada ao café*. 15 jun. 1954. cad. 7.

ECHANOVA, T. - *Diccionario de sociologia*. México, José M. Corica Jr., 1957.

FRARCHILD, H.P. - *Diccionario de sociologia*. México, Fondo de Cultura Económica, 1960.

LÉVI-STRAUSS, C. - *Tristes tropiques*. Paris, UGE, 1955.

MAUSS, M. - "Essai sur le don, forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques". In: ANNE Sociologique, tome I. 1923-1924.

NOTAS

(1) Sobre o termo *ethos*, "suma de los rasgos culturales característicos que permiten diferenciar e individualizar a un grupo con respecto a otros" cf. FRARCHILD, H.P. - *Diccionario de sociologia*, México, Fondo de Cultura Económica, 1960, p. 115; cf. também o verbete *ethos*, "término frecuentemente empleado por los sociólogos anglo parlantes para designar el conjunto de "rasgos" os elementos característicos de cada cultura humana" in: ECHANOVE, T. - *Diccionario de sociologia*: México, Ed. José M. Corica Jr., 1957, p. 107.

(2) Segundo MORENO, J.L. - *Fondements de la sociométrie*, Paris, PUF, 1970, p.56 "Le sociogramme est, avant tout, une méthode d'exploration: il permet l'exploration des faits sociométriques. On peut voir sur le groupe comme toutes les interrelations qui se sont établies entre les divers individus. Il n'existe, jusqu'à present, aucune entre figuration valable, susceptible de mettre en lumière l'analyse structurale d'une collectivité".

Como estamos utilizando dados antigos e que não foram colhidos com a preocupação de sociometria, a nossa análise à guisa de sociograma tenta tirar proveito destas informações descobertas nos depoimentos sobretudo em termos de figuração de interrelações entre pioneiros. Trata-se de uma espécie de "quem é quem" dentre os considerados pioneiros.

(3) Cf. MAUSS, M. - "Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques". In: ANNE sociologique, tome I, 1923-1924.

(4) Escrevendo sobre Londrina de 1935, LÉVI-STRAUSS em seu texto "*Zone pionnière*", p. 101-2 distingue: "os gregários para quem uma zona será tanto mais atrativa quanto mais avançada for sua implantação urbana, e os solitários (são) os preocupados com a liberdade".

(5) Cf. Edição especial dedicada ao café, op. cit., caderno 7; cf. também: CMNP - *Colonização e desenvolvimento do Norte do Paraná*, 2.ed., São Paulo, Ed. Ave Maria, 1977, p. 37, 39, 42 et pass.

(6) LÉVI-STRAUSS, op. cit., p. 100.

(7) BUZZI, M. - "Presença da Universidade de Londrina". *Universidade*, (4):3-4, out. 1969.

* A pesquisa *Ethos* do pioneiro está sendo custeada pela Coordenadoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Fundação Universidade Estadual de Londrina, o que nos permite trabalhar juntamente com Luzia Tiemi Oikava e Maria Eugenia Almeida, alunas de Ciências Sociais, desta Universidade. Expressamos aqui nossos agradecimentos a esta Coordenadoria que está dinamizando a atividade de pesquisa na FUEL.

** As categorias serão citadas, seguidas do número de vezes em que forma identificadas nos textos estudados. Elas totalizam 61 cruzamentos numa matriz de 22 categorias e 16 ocorrências. Tentaremos apenas alinhar algumas frases que citem os termos ou expressões utilizadas como categorias de análise.

*** Não faremos referências aos capítulos IV, VIII e XII por tratar-se de conclusões da I, II e III partes, respectivamente, cujos resultados estamos avançando neste artigo.